

DE PRETO À AFRODESCENDENTE: IMPLICAÇÕES TERMINOLÓGICAS

*José Geraldo da Rocha (Unigranrio)*¹
rochageraldo@hotmail.com

Quem de nós já não teve a oportunidade de ouvir afirmações do tipo: “a coisa está preta”; “a situação esta preta”. Nessas circunstâncias não restam dúvidas de que se fala de realidades desfavoráveis. A coisa não anda bem, nem a situação está boa. Na linguagem cotidiana, o preto aqui é utilizado para aludir, ilustrar o quanto tal realidade está feia. Consequentemente, preto é a mesma coisa que feio.

Em outros momentos, encontramos a mudança terminológica onde não é mais o “preto” que vai dinamizar a linguagem, mas sim o “negro”. Ao se referir às valas de esgotos à céu aberto, se afirma: “valas negras”. Na camada de ozônio vai-se falar do “buraco negro” ; em relação ao câmbio não oficial o termo utilizado comumente é “câmbio negro”; ainda encontramos o “setembro negro”; “as nuvens negras”; “um dia negro” “alista negra”; “a alma negra”; “a fome negra”; “a viúva negra” e tantas outras situações. O que se pode perceber é que tal quais as afirmações em relação a “preto”, essas afirmações tão comuns na língua portuguesa no Brasil remetem, todas elas, a um horizonte de algo ruim.

Esses dois termos, “preto e negro” acabaram sendo naturalizados na sociedade brasileira de tal forma carregados de pejoratividades, que em determinados ambientes se quer é admitido que se questione o emprego dos mesmos.

O presente artigo objetiva colocar em discussão essa terminologia, demonstrando como na sociedade brasileira foi evoluindo suas compreensões, e, sobretudo, a relevância da desconstrução do caráter pejorativo e discriminador presente na utilização cotidiana da mes-

¹ Doutor em Ciências Humanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Prof. Adjunto Dr. do Programa de Pós Graduação – Mestrado em Letras e Ciências Humanas de Unigranrio; professor no Programa de Pós Graduação Lato Seno – PENESB/UFF e na Pós Graduação em Africanidades da UCAM.

ma. O crescimento de uma consciência negra vai impulsionar uma revisão terminológica ao mesmo tempo uma busca de termos mais apropriados para referir-se aos povos negros de origens africanas.

Preto é mesma coisa que negro? Uns afirmam ser tudo igual, outros buscam argumentos para diferenciar os termos. É comum ouvirmos afirmações do tipo: *preta é cor, negro é raça*. A distinção aqui se dá em função da relação ao objeto em questão. Como adjetivo, preto encerra uma qualificação “a cor do objeto”, já negro nos parece designar o próprio sujeito. Os dicionários da língua portuguesa não nos oferecem uma real distinção terminológica entre as duas palavras. Em ambos os casos preto aparece como sinônimo de pessoa de pele escura e ao mesmo tempo, cor, escuridão, ausência de luz. Tomando como referência o Dicionário Aurélio verificamos:

Preto- que tem a mais sombria de todas as cores; da cor de ébano, do carvão. Rigorosamente no sentido físico o preto é ausência de cor, como o branco é o conjunto de todas as cores. (...) Sujo, encardido, indivíduo negro, a cor da pele desse indivíduo, a cor da pele queimada pelo sol.(...) perigoso, difícil (...) preto de alma branca – indivíduo negro bom, generoso, nobre, leal. (FERREIRA)

Ao buscar definir o termo “negro”, o mesmo autor acaba induzindo a generalização da “confusão terminológica”. Para Holanda, negro significa: “de cor preta. Indivíduo de raça negra, preto. Sujo, encardido, preto. Muito triste, lúgubre. Melancólico, funesto. Maldito, sinistro. Escravo”. (FERREIRA)

Nilma Gomes ao enveredar pelo campo das relações raciais explicita alguns elementos resultantes de tais confusões.

A discussão sobre relações raciais no Brasil é permeada por uma diversidade de termos e conceitos. O uso destes, muitas vezes causa discordâncias entre autores, intelectuais e militantes com perspectivas teóricas e ideológicas diferentes (...) negros são denominados aqui as pessoas classificadas como pretas e pardas nos censos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (GOMES, 2005, p. 39)

As dificuldades terminológicas de tal realidade têm gerado ao longo da história incompreensões, equívocos e malversação das palavras no processo de ensino e aprendizagem. O simples, nem tão simples assim, fato de perguntar a cor de uma pessoa gera situações inusitadas. Aparentemente, existe certo medo da cor quando esta se

encontra associada à pessoa, principalmente aos descendentes africanos. Veja como isso soa na crônica a seguir:

Qual é a Sua Cor?

Eu negro? Virgem Maria moço! Negro eu? Deus me livre. Só me faltava essa! Como posso ser negro? – não sei - Eu não sou negro?- o que você acha? – Não sei, olhe pra mim. Eu sou assim... como é que se diz... você me entende – ah tá – que cor eu sou? Cruz credo sô! Nunca tinha pensado nisso... mas por que você perguntou isso pra mim? – por perguntar - eu preciso responder? – seria bom – Deixa eu pensar um pouquinho... Bobagem essa. Que besteira sô! Que diferença faz ser negra ou qualquer outra cor? Ah mas você quer saber mesmo qual é a minha cor... uns me chamam de moreno, outros de mulato, de pardo, e alguns até me chamam de negro... sabe de uma coisa moço? Branco eu sei que não sou, mas sinceramente, sabe que não sei que cor eu sou. Meu Deus! Engraçado né! Agora veja eu não sei que cor eu sou. Como pode isso? – Sei não. – E se eu soubesse... o que iria mudar? Certamente nada. Meus cabelos continuariam assim, duros, ruim, feios e rebeldes. Meu nariz continuaria chato. Ou ficaria fininho só por que eu sei minha cor moço? O senhor acha que o meu salário aumentaria por eu saber a minha cor? Ou que meu barraco na favela se transformaria numa casa num lugar chique? As pessoas passariam a me tratar diferente? Sabe moço... tem horas que algumas perguntas não devem ser feitas. E o pior as respostas a essas perguntas, quando somos obrigados, aumentam a nossa dor! Responder uma pergunta como essa exige pensar muito, exige consciência. E tem momentos que é melhor fingir moço. Fingir que não se sabe, que não se tem consciência e continuar vivendo na ilusão... o senhor tá me entendendo? Fingir já faz parte da minha forma de resistir, da minha vida. Tantos fingem que eu não existo que eu não tenho direitos, que eu sou isso, que sou aquilo... Vivemos num mundo de muito fingimento moço. Fingir minha cor é apenas mais um fingimento entre tantos fingimentos que nos trazem tanta dor. (ROCHA, 2009)

Em princípio, o termo “preto” surgido por volta do século X designava pessoas de pele escura originárias da África. Entretanto, com a escravidão no século XV a palavra “negro” passa a ser adotada pelos portugueses. A associação do termo “negro” à escravos foi utilizado pelos espanhóis na América. Daí o sentido do termo receber uma conotação ofensiva nos que marcou séculos de história. Ficou no ar certa confusão entre *preto* e *negro*, que passaram a significar a mesma coisa, ou seja, pessoas de pele escura. Como a escravidão ficou como realidade que marcou negativamente a história da humanidade, o termo passou a ser empregado como sinônimo de coisas ruins. Coisa preta ou coisa negra é sinônima de coisa que não presta.

Houve um tempo na história do Brasil, e não foi diferente nos demais países das Américas, em que o “preto” foi sinônimo de escravo. Os escravos eram pretos e os pretos eram escravos. Pretos não eram considerados humanos, pois aos escravizados questionava-se a existência de alma. Daí o trato tal qual animais no período colonial. Escravo não presta, preto não presta, e preto é igual a negro, e negro não presta. É nesse contexto que encontramos as expressões “valas negras” para designar esgoto à céu aberto; “a situação está preta”, para significar que a mesma está ruim. Origina-se assim uma pseudonecessidade de identificação de tudo o que é bom ao branco, em oposição ao negro. Em decorrência de tal concepção, a beleza passa a ser branca, e a feiúra negra. A bondade assume a brancura em contraposição à maldade que é negra. Negro passa a significar algo sujo, enquanto a limpeza se associa ao branco. O inferno é concebido como negro ao passo que o céu é lugar das almas brancas.

O emprego terminológico carrega consigo a fundamentação de uma ideologia do embranquecimento. Com isso, a negação da cor passa a ser uma necessidade dos negros como elemento de afirmação e busca de reconhecimento social. Se ser branco é sinônimo de ser bonito, por que um negro vai querer ser negro? Se ser branco é pré-requisito para a aceitação social, que motivo tem um descendente de africanos para querer ser negro?

Essa realidade de associação negativista dos termos, principalmente o termo *negro* vai passar por um processo de desconstrução e resignificação terminológica. No âmbito da sociologia, o termo negro, vai ganhar relevância por se tratar de uma realidade mais adequada na classificação de grupos étnicos raciais originários da África. Entretanto, em função da carga negativa de preconceitos em torno da terminologia utilizada ao longo da história, inúmeras dificuldades vão se explicitando e criando dificuldades de resgate e aplicação correta do termo.

Nessa perspectiva, as lutas dos movimentos sociais negros para recontar a história do negro no Brasil não vão medir esforços para superar o caráter pejorativo impregnado no termo. Recontar a história passa por imprimir significados novos ou resignificar o termo *negro*, demarcando-o como valor. Assim muitos grupos negros cantaram nas comunidades eclesiais o canto: “*eu sou negro sim como*

Deus criou, sei lutar pela vida cantar liberdade e gostar dessa cor”. Nesse canto a afirmação da certeza de ser filho de Deus como as demais pessoas.

Ser negro não é então sinônimo de escravo, ser negro é sinônimo de pertença às origens africanas. Isso não mais se configurará como ofensa, mas ao contrário, deve ser motivo de orgulho. Nesse sentido, o manifesto do movimento negro unificado é veemente:

Nós, negros brasileiros, orgulhosos por descendermos de Zumbi, líder da República negra de Palmares, (...) nos reunimos hoje, (...) para declarar a todo o povo brasileiro nossa verdadeira e efetiva data: 20 de novembro – dia da consciência negra (CARDOSO, 2002, p. 67)

O termo negro vai aos poucos recebendo novas significações. Os tabus vão sendo quebrados e a carga de pejoratividade que envolvia a terminologia vai sendo removida. Os grupos de combate ao racismo vão se multiplicar na sociedade brasileira e com isso se dá o crescimento da aceitabilidade terminológica. A evocação da origem diferente dos negros vai fundamentar tal discurso. Ser negro no Brasil é ter uma origem africana.

Então posso dizer com orgulho: sou de lá da África, se eu não sou de lá meus pais são de lá da África, se meus pais não são de lá, meus avôs são de lá, se meus avôs não são de lá, meus ancestrais são de lá da África. A compreensão do termo negro à luz do reconhecimento da existência da África vai mudar uma lógica de inserção na história. A aproximação da África tão distante, para a cotidianidade da vida do negro passa ser uma tarefa desafiadora.

Existe uma África! Existe uma África em algum lugar! Existe uma África ainda que distante! Existe uma África nem tão distante! Existe uma África bem mais perto do que se imagina! Existe uma África em você e em mim! Somos todos rebentos engendrados no Ventre da Mãe África (ROCHA, 2008)

Em sendo essa origem motivo de orgulho, por que então não dizer-se negro sim, mas agora com o significado terminológico de *afro-brasileiro*. Essa concepção vai embasar um processo de construção de identidade negra no país. É mais que uma consciência negra individual. Trata-se de uma consciência negra coletiva construída associada às origens com o toque de brasilidade.

Os africanos não foram trazidos e escravizados apenas no Brasil, eles foram espalhados pelas Américas. No decorrer do processo de afirmação das identidades étnicas nas Américas, foi constatada a necessidade de encontrar uma terminologia que pudesse “englobar” os negros como um todo nas Américas. Surge assim o termo “afro-americano”. Com isso, aumenta na América, a consciência de pertença à “Mãe África” por parte dos negros. Filhos originários de um mesmo continente, irmãos em uma mesma história em terras estranhas.

A partilha dessas histórias de lutas em terra estranhas fomentou a solidariedade com negros de outras regiões do mundo par além das Américas, o que impulsionou a busca do termo “afrodescendente” para designar todos os negros presentes na diáspora. Evidentemente tal terminologia suscitou e continua suscitando acalorados debates. De certo modo, trata-se de formas de apropriação do termo numa perspectiva de poder. Existem em tal concepção terminológica diferenciados aspectos ideológicos. Para alguns, não passa de um discurso de manipulação política. Outros, entretanto, veem o termo como forma de fortalecimento de identidade. Agrega-se a essa compreensão terminológica o reconhecimento da situação vivenciada pelos descendentes africanos, conforme podemos constatar no documento das Américas com vistas à Declaração de Durban.

Reconocemos que los afro descendientes han sido víctimas de racismo, discriminación racial e esclavitud durante siglos, y de la negación histórica de muchos de SUS derechos(...) igualmente constatamos las consecuencias nefastas de la esclavitud que se encuentra en la raíz de las situaciones de profunda desigualdad social y económica de que son generalmente víctimas los afro descendientes.(FORO DE ONG'S, p. 9)

Conforme se pode notar, a dimensão do termo afrodescendente é extremamente ampla e abrangente. O seu emprego acaba instando às nações a uma revisão das relações estabelecidas historicamente com os povos originários do continente africano espalhados na diáspora. A consciência da afrodescendência fomenta busca solidária como a que se deu na Conferência das Américas em preparação para a Conferência Mundial ocorrida na África do Sul em 2001.

As possibilidades de superação do racismo, da discriminação racial, da xenofobia e todas as formas correlatas de intolerância estão associadas diretamente ao grau de desenvolvimento da consciência.

Considerações finais

As discussões terminológicas aqui apresentadas inscrevem-se numa perspectiva de se repensar as formas estereotipadas em que o racismo e a discriminação têm utilizado nos processos de exclusão dos afrodescendentes na sociedade brasileira.

A naturalização da associação de preto, negro a coisas que não prestam, conduziram, inclusive no processo educacional, a incutir na mente das pessoas uma dose cavalariça de teorias do embranquecimento. A fuga muitas vezes inconsciente de tudo o que se associa ao negro, inclusive do ponto de vista simbólico, tornou-se para muitos uma necessidade para trilhar os caminhos do reconhecimento e da aceitabilidade social. Obviamente que isso implicou em um longo e doloroso processo de negação da identidade negra.

Num esforço salutar, os movimentos negros acabaram perseguindo outros termos que pudessem dar conta de um arregimentar de pessoas e ao mesmo tempo, possibilitasse um fomento da busca solidária de superação das discriminações e do racismo. Nesse contexto que os termos afro-brasileiros, afro-americanos e afrodescendentes vão ganhar relevância e se tornam realidades denunciadoras dos processos de exclusões, ao mesmo tempo referência para se propor e buscar estratégias conjuntas de inclusão.

Em tempos de busca pelo “politicamente correto”, na relação com os negros na sociedade brasileira, a forma como a terminologia é empregada influencia decisiva e diretamente na convivência social. No processo de ensino e aprendizagem, a superação dos vícios de linguagem que empregam depreciativamente a terminologia aqui por nós abordada, tornou-se um desafio cotidiano.

Na atualidade ainda é muito comum presenciarmos discursos onde alguns desses termos trabalhados criam certo mal estar. Em determinadas oportunidades tornam-se perceptíveis o desconforto dos indivíduos. Já não se sabe mais se deve chamar alguém de negro.

Ora por medo de estar ofendendo e ser “enquadrado” no crime de racismo pelo que se sentiu ofendido; ora pela própria falta de consciência e esclarecimento terminológico que a realidade encerra, para além da construção pejorativa que ao termo foi imbuído. Por outro lado, aos que trabalham na perspectiva de desconstrução da negatividade terminológica e resignificação da palavra negro, é motivo de orgulho ser chamado de negro. Obviamente que para esses indivíduos ou grupos, o ser chamado de negro encerra uma história uma cultura, uma hereditariedade vinculada às origens africanas. Evidentemente que isso fortalece a dimensão de afra descendência.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Marcos. *O Movimento Negro*. Belo Horizonte: Mazza, 2002.

FORO DE ONG’S. *Conferencia Mundial Contra o Racismo*. Santiago: 2001.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: *Educação antirracista: caminhos abertos pela lei 10.639*. Brasília: SECAD, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

NOVAES, Ana Lúcia. Ações Afirmativas e Ambiente Escolar: uma leitura sob o enfoque da promoção do senso de autoeficácia. In: ROCHA, José Geraldo da & SANTOS, Ivanir dos (Orgs.). *Diversidade & ações afirmativas*. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

ROCHA, J. G. *Poema África*. Rio de Janeiro: 2008.

_____. *Crônica Qual é a sua cor?* Rio de Janeiro: 2009.

SANT’ ANNA, Wânia. O impacto político-econômico das ações afirmativas. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). *Tempos de lutas: as a-*

ções afirmativas não contexto brasileiro. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

SANTOS, Renato Emerson. Políticas de cotas raciais nas universidades brasileiras – o caso da UERJ. In: GOMES, Nilma Lino (Org.). *Tempos de lutas: as ações afirmativas não contexto brasileiro*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

SILVEIRA, Oliveira. Vinte de novembro: história e conteúdo. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves & SILVERIO, Valter Roberto (Orgs.). *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*.